

# Ser e Aparência

Moacir Amaral, 2009



## Introdução

Ainda os "Triângulos"?

Sim. Perguntamo-nos como surgiram, da mesma forma que nos perguntamos como surge a Vida, ou nós mesmos. E naturalmente não queremos uma resposta especulativa e teórica. Queremos uma compreensão que nos aproxime da Verdade da Vida, que nos descubra a Liberdade de ser. Queremos algo vivo, que não dependa de nada, sem condições e pré-requisitos. Queremos ser.

É óbvio que nenhuma quantidade de palavras escritas nos levarão a ser. As palavras não têm esse poder, podem apenas apontar para a Realidade, mas não são a Realidade. A palavra Amor, não é Amor. Mas aponta para a realidade do Amor. Nossa é a visão que olha e pode ver.

Queremos ver? Supomos que sim. A consciência quer ver a Totalidade; compreender a Totalidade; ser a Totalidade. Tanto quer, que se diz disposta a tudo. Tal é o medo de não ser. Mas a consciência nunca chegará lá. Pode rondar à vontade, que não cruzará o portal.

Nem o portal nem a consciência existem de fato. Quem fará o quê? Mas tudo parece existir. E na aparência do mundo encontramos que tudo que existe, existe em acordo com os Triângulos. O próprio Universo como um todo manifesto na Totalidade do ser.

E isso mostramos aqui? O aparecimento e o desaparecimento do Universo manifesto? Como em uma poesia, infinitas são as repetições. A consciência às vezes se chateia com isso e quer ir direto ao ponto. O problema é que não temos o ponto. Temos um campo; um campo minado - tantos os padrões e condicionamentos impregnados à consciência, conceitos e preconceitos, juízos e protocolos de procedimentos.

Andar nesse campo requer imaginação e disposição para ir e vir muitas vezes, contornar obstáculos e olhá-los de muitos ângulos. Imagens que vêm e vão, fugazes que são à visão. Ainda bem que se repetem infinitamente. Para não nos apegarmos mesmo!

Não se apegar a nada e jogar tudo fora, sem confundir o bebê com a água do banho. Eventualmente jogar o bebê junto com a água do banho e ficar de mãos vazias. Sem nada. Até mesmo as mãos vão embora. Abençoado os pobres de espírito!

Seja o que Deus quiser.

## I

*"O Tao que pode ser falado não é o Tao verdadeiro  
Sem nome é a vastidão onde tudo aparece,  
Com nome é a mãe das dez mil coisas".  
Lao Tse*

Deus é uma palavra que aponta para duas coisas muito distintas uma da outra. Com ela apontamos para o incognoscível, para o que não tem nome nem forma, para o insondável, para a Totalidade, sem começo e sem fim. Com ela apontamos também para uma entidade, o criador do céu e da terra e de todos os entes que os habitam; apontamos para um sujeito que pode ser nomeado e que se distingue na Totalidade.

Para diferenciarmos uma coisa da outra, devemos complementar com outra palavra uma delas. "Deus", sem atributos, para o que está fora do tempo e do espaço e, portanto, não tem limites; e "Deus Criador", para o que imaginamos como criador de tudo o que aparece - o mundo e seus objetos, orgânicos e inorgânicos, conscientes e inconscientes.

Com a palavra "ser" e a palavra "luz", acontece coisa semelhante. A palavra ser pode ser usada como verbo no infinitivo e como substantivo; a palavra luz pode ser usada para apontar a luz de um vaso sanguíneo, por exemplo, ou seja, o espaço vazio em uma estrutura material; e pode ser usada para nomear a energia radiante, substancial, que conhecemos como luz mesmo, a luz da física, a luz do Sol, que ora aparece como ondas e ora aparece como partículas.

Ser, como verbo infinitivo, aponta para uma ação corrente, um movimento perene sem começo e sem fim, um fluir sem causa e sem finalidade; ação sem sujeito e sem objeto; aponta para a própria Totalidade e, nesse sentido é sinônimo da palavra Deus.

Ser como "o Ser", substantivo, sujeito de toda ação, e criação; como o princípio de tudo que aparece, fonte criadora de tudo o que aparece é sinônimo de Deus Criador.

Com a palavra luz acontece a mesma coisa, pois "luz", o vazio, aponta para o desconhecido e ilimitado "ground" onde as estruturas substanciais aparecem e, nesse sentido, é sinônimo de Deus e de ser (verbo infinitivo); e a palavra luz como "luz substancial" é a fonte substancial e informacional de tudo o que existe no mundo, como mostram os estudos físicos do Campo Ponto Zero e, nesse sentido, é sinônimo de Deus Criador e do Ser como substantivo - por isto escrito com maiúscula.

A Totalidade é o que é. A tudo abarca; é um todo indivisível, imutável. Deus, o que nunca nasceu e nunca morre. Na metáfora bíblica se diz da Totalidade: "E a Terra era sem forma e vazia"; e daí, a criação: "Disse Deus: haja luz!" O mistério da criação: Deus Criador e a luz da consciência.

Podemos representar graficamente a totalidade não-representável, pela folha em branco e vazia, onde se escreve este texto que está sendo lido agora; "sem forma e vazio" que, mesmo contendo as letras e frases, continua presente nas entrelinhas. Segundo pesquisas, o universo é composto de apenas 4% de substância, 96% é vazio. Assim, por exemplo:

Fig 1 - O branco da folha de papel: o vazio primordial, onde as letras aparecem.

Ser, verbo infinitivo. Luz, o vazio não-substancial. Deus. sem forma e vazio - sem nome, sem começo e sem fim; além de todo conhecimento.

Parabrahman para os hindus. Tao, para os chineses. Caos, para os gregos. Desconhecimento e mistério.

O fluxo vivo que é a Vida, é a sua imagem. Vida, que não tem começo e nunca terá fim. Nem consciência nem inconsciência. Presença. Vida perene. Tai Chi para os chineses. Cosmos, para os gregos.

A totalidade, se dá conta de Si mesma. Esse é o mistério da criação, e será sempre um mistério, que a consciência não tem condições de resolver, pois ela é fruto. A Totalidade toma consciência de si mesma e, nesse ato, constitui-se como Consciência, um substantivo, um substrato, um campo cuja substância é "consciência" - que tipo de matéria é essa? -, onde a criação acontece. A analogia mais próxima que temos é o fenômeno da luz radiante, matéria que é onda e partícula e é base para toda manifestação.

A Consciência não existe da mesma forma que um vaso existe, pois um vaso existe independentemente de seus objetos, existe mesmo que não tenha nada dentro; já a Consciência só passa a existir quando o objeto aparece; ela mesma é objeto de si mesma, e isso é a Consciência; só aparece como objeto na interrupção do fluxo vivo que é a totalidade, no ato de tomar consciência de si mesma. Neste momento a própria tomada de consciência é o objeto de si mesma interrompendo o fluxo e tornando-s consciente de si mesma. A Consciência de si mesmo. O "Eu sou" que pode ser expresso. Um espaço circunscrito, cujo conteúdo e limites é a própria consciência, substância básica de toda criação.

## II

Precisamos olhar o território todo desde o começo.

Vejamos a Totalidade. Sim. A Totalidade. Onde existem distinções e eventos, mas não existe separação. Um grande movimento sem começo e sem fim. Holomovimento como diria David Bohm. A Totalidade é. Ser. Verbo no infinitivo, sem sujeito e sem objeto. E isso é tudo que percebemos como Realidade. A Totalidade é. Inclui tudo, absolutamente tudo. Unidade. Nada está fora da totalidade.

Isso é a Vida. Esse movimento perene sem começo e sem fim, que aparece criando formas e mais formas e as abandonando, formas e mais

formas e as abandonando, formas e mais formas e as abandonando. As formas vivas, crescendo e se diferenciando pela multiplicação e diferenciação celular. E as formas inanimadas pelo abandono da vida, que segue adiante, deixando na sua esteira a substância, o cadáver, o esqueleto, a matéria inanimada; que poderá ser retomada pela própria Vida em outra escala.

A Vida não é a forma, mas cria as formas. Não é a matéria, não é substância, mas cria a substância, a matéria, como a planta que transforma luz em substância. Está bem, luz já é matéria, já é substância, a planta transforma substância luminosa em substância planta.

A Vida é esse movimento sem fim, que veio antes da matéria inanimada. Pode-se destruir a forma viva, mas nunca a Vida. O movimento da Vida não deixa para trás somente a matéria inanimada. Deixa também a memória, um registro do acontecido, um princípio informacional. Deixa a memória do que aconteceu. Deixa a memória e a substância. Memória é conhecimento, é informação. Substância é forma, é informação. Informação que pode ser coletada, como conhecimento.

Vida é esse fluxo perene de transformação, constantemente gerando forma e informação. Não existe forma fixa na Vida, tudo que existe está em transformação perene, sendo percebido no tempo como forma estável e definida, mas que na verdade está constantemente se transformando. Um corpo vivo nunca é o mesmo. Apenas parece ser o mesmo. Um corpo vivo é sempre um modo de estar, uma aparência da Vida naquele instante separado do fluxo pela consciência que o percebe. Vida é o que aparece no Ser. Ser é essência da Vida. Vida é aparência do ser. Ser não é um estado. Vida é um estado de ser. A vida sempre está, assim ou assado, acontecendo do jeito que acontece. Ser é a própria Vida da vida.

Consciência é essa detenção do fluxo da Vida pela percepção que separa um fragmento do fluxo e o examina. E o decompõe em forma e informação. Consciência gera a forma e a informação ao deter o movimento perene, a transformação que é a Vida. Essa é a Morte que acontece na Vida. A Vida não morre, mas a consciência que a percebe se detém na forma que a vida apresenta no momento da percepção e, num certo sentido a mata; isso quando não a mata mesmo, arrancando a sua forma do âmbito da Vida, como arrancar uma árvore pela raiz por exemplo, quando a Vida deixa de estar ali e a forma é abandonada pela vida como matéria morta, inanimada,

substância morta, junto com a memória, a informação ali presente. Por onde transita a Consciência.

Consciência surge quando a transformação perene que é a Vida é clivada pela consciência em informação e forma, e gera informação e forma; surge quando o movimento vivo é clivado pela consciência em memória e substância, e gera memória e substância. De uma forma dramática, pode-se dizer que o aparecimento da Consciência é o aparecimento da Morte, ou o aparecimento da Morte é o aparecimento da Consciência. Que não atinge a Vida.

A Consciência nunca penetra a Vida, mas só o que a Vida abandona e deixa para trás em seu movimento infinito; ou o que a própria Consciência se encarrega de fazer a Vida abandonar. O mundo da Consciência é o mundo da Morte, do que já foi, do passado. Que pode ser projetado adiante como o que será, o vir-a-ser, o futuro. O mundo do tempo e do espaço. Da memória e da substância. Do princípio que informa e da substância formada.

O mundo da informação é o mundo da Mente. O mundo da forma é o mundo da Matéria, do corpo. Informação e forma são aspectos do mesmo, como Mente e Corpo. Existem na Consciência como dois aspectos do um que é a Vida, que a Consciência não penetra. Consciência separa um estado particular da Vida, por isso pode-se dizer que Consciência transita pelo estar apenas. Nunca no ser.

Presença é o ser da Vida. Ser é Presença. Não Consciência. A Totalidade é Presença. Vida é Presença. É o que é. Um sem dois.

Consciência é dois, é o que percebe e o que é percebido; é consciência e inconsciência; é um e dois e todo o resto; é o um que se separa e existe no resto. É o início. Presença desaparece na percepção da Consciência. Com a Consciência começa tudo. Começa o tempo e o espaço, a memória e a substância. Com a Consciência algo se individualiza na Totalidade; algo se separa criando-se como Cosmos e separando-se no Caos. Todo cosmos é micro diante da totalidade, como todo tempo é ínfimo e limitado diante do atemporal. Com a Consciência o Cosmos se separa no Caos. O Ser substantivo se separa e aparece individualizado no ser infinitivo; algo estanca, se separa, e aparece no movimento sem começo e sem fim, que é Vida. O Ser substantivo aparece como uma circunscrição de Consciência. Brahman aparece em Parabrahman diriam os hindus. Deus Criador aparece em Deus (sem nome, sem forma e vazio). O Tao é visto como Tai Chi.



Lao Tse coloca muito bem no início do Tao Te Ching: "O Tao que pode ser nomeado não é o Tao verdadeiro. Sem nome, é a Totalidade onde tudo aparece. Com nome é a mãe das dez mil coisas". Podemos, por analogia, falar: "O Deus que pode ser nomeado não é o Deus verdadeiro. Sem nome é a Totalidade onde a Vida aparece. Com nome é o criador dos Céus e da Terra". Na tradição religiosa, muitas vezes Deus que não poderia ser nomeado é referido como Deus, o Pai, contraposto ao Deus, o Criador, mãe das dez mil coisas. Ou simplesmente Deus, contraposto à Deus Criador.

O hindu fala em Parabrahman, como o sem forma e vazio, e Brahman como o Criador de tudo, um foco de Consciência que aparece no Todo. O Princípio individualizador na Totalidade. O Princípio identificador, distinguidor. O princípio da separação. Deus Criador aparece no Todo, na Totalidade, como uma circunscrição de Consciência.

### III

Deus cria o Universo na Consciência. "Faça-se a Luz". A Luz da Consciência é a substância do Universo criado e de todas as criaturas. Onde a luz radiante dos astros e dos sóis vai aparecer simultaneamente como informação e forma, onda e partícula. Mente e Corpo. Espírito e Matéria.

Deus Criador é o Princípio espiritual que informa o Universo criado. O princípio espiritual que individualiza o Universo na Totalidade. O Universo não é a Totalidade, pois aparece na Totalidade. Mas se constitui como uma totalidade na Totalidade. Uma totalidade que aparece na Totalidade; que se cria pela Consciência na Totalidade. Uma totalidade cuja substância básica é Consciência e depois luz. Por isso se diz que Brahman é o Eu do Universo criado. Que o Deus Criador é o "Eu Sou" do Universo criado. O princípio espiritual, o "Eu Sou", que diz a Moisés: "Eu Sou o que Sou", ou como traduz Steiner: "Eu Sou o Eu Sou". Não é o que é, o ser verbo infinitivo, mas o Eu Sou, ou Ser substantivo.

Assim se configura a "primeira queda": o aparecimento de Deus Criador e a criação do mundo, pela Consciência e na Consciência. Uma bolha de Consciência na Totalidade. Separada na Totalidade, e se colocando como uma totalidade, querendo ser do tamanho da Totalidade. Deus criador aparecendo como Deus, sem nome e sem forma. Brahman querendo ser do

tamanho de Parabrahman, sendo o "parabrahman" do mundo criado no seio do Parabrahman. O mundo do espírito e das criaturas espirituais. O Homem não é senão uma intenção anunciada no Eu Sou que se apresenta como senhor do mundo. Apenas os anjos, e todas as hierarquias celestiais de Deus Criador no mundo imortal da Consciência, o Céu.

O que veremos a seguir é a repetição do padrão estabelecido como criação. A Consciência de Si mesmo criando um mundo dentro de um mundo em si mesma, numa complexidade crescente de quedas dentro de quedas, criando níveis dentro de níveis, exponencialmente. Bolha dentro de bolha dentro de bolha aparecendo como realidades a serem conquistadas. Numa causação descendente de níveis crescentes de complexidades e detalhes.

Maya, o reino de Brahman. Nesse processo, a identificação da Consciência com seus instrumentos sempre menores e mais limitados, num processo de contração aos saltos de bolha para bolha, na Consciência de Deus Criador, totalidade criada por Si mesmo, "Eu sou", Ser substantivo, Luz substantiva. Tudo isso aparecendo no Vazio pleno, o ser verbo infinitivo, Presença, Vida acontecendo.

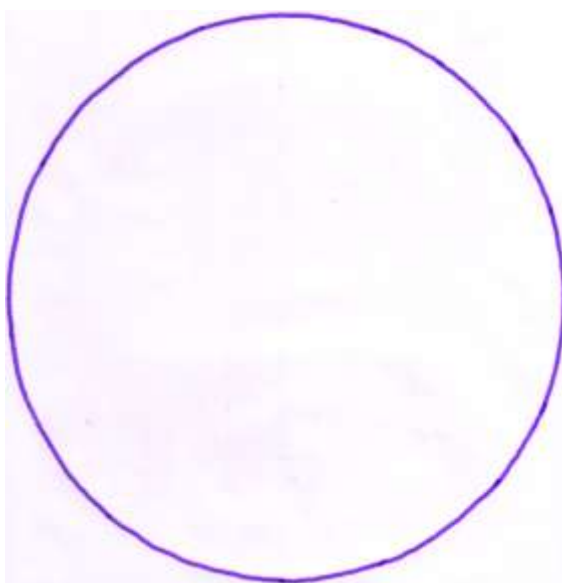


Fig 2 - Algo se distingue na totalidade. Um foco de Consciência. A Luz da Consciência, informação e forma. Deus criador aparece na totalidade, como um espaço circunscrito de Consciência. Fez-se a Luz da Consciência. Deus criador aparece em Deus. Luz substancial vai aparecer na luz que é o vazio. O Ser substantivo se "coagula" no ser infinitivo, como "Eu sou". "Quem é você?" Pergunta Moisés à sarça ardente. "Eu sou o Eu sou" é a resposta.

Um espaço circunscrito de Consciência. Um círculo cujo interior é todo Consciência de si mesmo. Deus criador. Brahmam. A Primeira Queda. A totalidade dividida. Uma bolha de Consciência se separa na totalidade. Deus criador se identifica consigo mesmo na totalidade e vai criar o mundo em si mesmo; um mundo cuja substância, cuja matéria-prima é Consciência; não é ainda Luz radiante e substancial, mas é certamente o seu princípio germinal.

A Consciência nunca pode ir além de si mesma, pois fecha-se em si mesma e constitui-se como uma "totalidade", uma pseudo-totalidade, uma totalidade ilusória.

A Consciência cria mundos dentro de si mesma, mas jamais irá além de si mesma. Mundos que podem ser chamados de ilusórios, uma vez que são construções, com princípio e fim, construções impermanentes, sem realidade perene; ilusões com os quais se locupleta. Maya, a ilusão, em todos seus níveis. Mundos dentro de mundos dentro de mundos. Maya dentro de Maya dentro de Maya. Cujas primeiras aparências são a Consciência.

Esse é o Céu. O mundo espiritual. O Deus Criador e as hierarquias angelicais na Consciência. O "Eu sou" no mundo. Princípio espiritual identificador e individualizador. Informação primordial que distingue e separa. Todo um mundo espiritual habitado por seres espirituais é criado no seio da Consciência.

#### IV

Um mundo espiritual que não é bom o suficiente aos olhos daquele que encarna a Luz da Consciência por excelência, Lúcifer, o "portador da Luz". A mais brilhante dentre as criaturas de Deus Criador se levanta cheio de Si mesmo e quer ser igual ao criador; quer criar um mundo melhor que o que Deus Criador criou. E essa é a sua queda. A queda de Lúcifer, a Segunda Queda. E com Lúcifer, uma legião de anjos seus correligionários caem do céu.

Assim é que vemos o mais luminoso dos anjos de Deus Criador tomar consciência de Si mesmo e se distinguir de seus irmãos, e se opor ao Criador com o desejo de ser como ele, e o desejo de criar um mundo melhor que o

dele. Lúcifer o seu nome, portador da Luz da Consciência de Si mesmo, se separando onde havia apenas um, uma totalidade aparente, mas uma totalidade, e caindo despencando do Céu com uma legião de seguidores também despertos para si mesmos.

No mundo do Espírito surge o mundo da Alma. Lúcifer expulso do Céu para o Paraíso da Alma. Alma e sua natureza exuberante, nem sempre harmoniosa, uma vez que se constitui de oposições, os pares de opostos, macho e fêmea criada. É onde aparecerá o Homem. Feito de barro com o sopro do espírito, a imagem e semelhança do Deus Criador, capaz de acordar para si mesmo, com um leve empurrãozinho.

O mundo da alma é o mundo das polaridades e dos contrastes. Um dos pólos recebendo o mesmo nome do Um que nesse nível aparece como dois. A consciência e a inconsciência para Consciência. A vida e a morte para a Vida. O dia e a noite para o Dia. O homem e a mulher, para o Homem, como ser humano. Adão e Eva no Paraíso. O Jardim do Éden. Onde Lúcifer oferece a maçã, o fruto da Árvore do Conhecimento e com ela a consciência do Bem e do Mal.

Na totalidade da Consciência surgiu uma nova camada, mais densa, um novo campo dentro do campo. Para Lúcifer, a totalidade onde existia não era boa o bastante. "Eu quero outra coisa". "Eu quero coisa melhor". Lúcifer se levanta, interrompendo o fluxo da vida no Céu. Criando um mundo todo seu, uma nova totalidade apareceu distinta do Céu. Um novo nível de acontecimentos se estabeleceu. A segunda aparência.

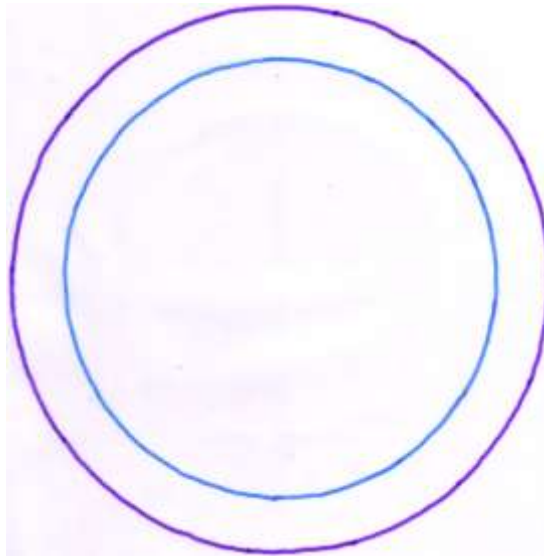


Fig 3 - A segunda queda, o mundo de Lúcifer, a Alma, consciência de si mesmo dentro da Consciência divina.

Na Consciência divina primordial, Brahman, Deus Criador, um novo círculo de consciência. Um campo de consciência secundária dentro de um campo de Consciência primária. Novamente a luz, por seu portador, criando separação e identificando-se, opondo-se ao que é. "Eu quero" se apresentou. E um novo mundo apareceu, menor e mais complexo. A alma. Camada dentro de camada. É o paraíso. Iluminado pelo Sol e pelas estrelas do firmamento. Com seus seres paradisíacos em contato direto com Deus Criador, vivendo em harmonia, plantas, animais, ser humano, anjos e o tentador à espreita.

Adão e Eva passeiam na alma pelos jardins da eternidade, adormecidos para si mesmos em sua inocência. É a mulher o objeto de sedução do anjo caído. As regras eram claras, de todas as árvores podiam comer, todos os frutos apetitivos. Mas dessas duas não comerão: da Árvore da Vida e da Árvore do Conhecimento.

A Vida não tem começo nem fim, movimento sem causa e sem finalidade, ação infinitiva. Nascimentos e mortes sucedendo-se em transformação perene, intocada a Vida flui com a mudança. Criando formas e informações e abandonando-as, criando formas e informações e abandonando-as, seguindo, seguindo, seguindo sempre. Lúcifer não tem poder sobre a Vida. Vida, que é imagem da totalidade verdadeira, do Ser infinito, movimento imutável. Mas Lúcifer é senhor do conhecimento.

É com o fruto da *Árvore do Conhecimento* que a mulher é seduzida. A tentação promete: "com o conhecimento sereis igual à Deus Criador". Vocês saberão tudo.

## V

Adão e Eva comeram a maçã. E se deram conta de si mesmos. E souberam: estavam nus. "Eu sei" e vergonha. E o arcanjo Miguel se encarregou de que deixassem o paraíso, como míseros mortais, condenados para sempre a ganhar o pão com o suor de seus rostos e a parir seus filhos com muita dor.

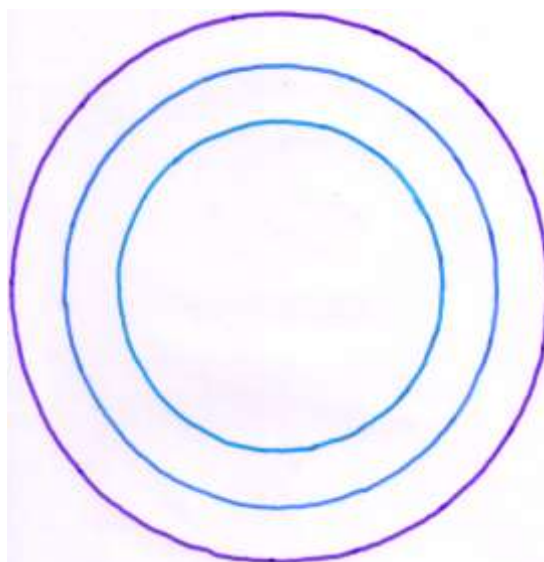


Fig 4 - Adão e Eva se vêem nus e se envergonham, expulsos do Paraíso. Para a terra dos homens. Comendo pelo suor do rosto e parindo com dor, simples mortais. Conscientes de si mesmos na vigília que se estende até a inconsciência do sono. Dormindo e acordando para dias sempre iguais, com medo da morte e da Vida. Em degredo. As voltas com a justiça divina, criando a justiça dos homens. Um novo círculo de consciência.

A Terceira Queda. Na luz do conhecimento mais uma camada se formou. Mais um campo dentro de campos. "Eu sei" dentro de "Eu quero" dentro de "Eu sou". Mais um nível de consciência dentro da consciência dentro da Consciência. O mundo aumenta em complexidade e em

substancialidade. Endurece ainda mais. Fixando normas e procedimentos em códigos de conduta. Bem e Mal estabelecidos e regentes. Tábuas de leis e de contravenções. A terceira aparência.

Homens e mulheres se rebolando para descobrir a verdade. Fazendo o melhor. Nunca suficiente. Perdidos no Eu Sou. Perdidos no Eu Quero. Perdidos no Eu Sei, um mundo de conhecimentos, sempre insuficientes. Adormecidos em si mesmos, separados na Totalidade. Buscando a Totalidade. Esquecidos de quem são de verdade: movimento infinito, fluxo, Vida sem eira nem beira. Dia e noite, noite e dia.

Adormecidos. Crescendo e multiplicando suas benesses e seus dissabores. Seus filhos, suas esperanças. Os filhos da dor nascem para o mundo e a Presença convida à descoberta. Olhinhos inocentes falam da Presença e desconstroem o Universo criado. A serem domados para a evolução. Serem educados e treinados dentro dos usos e costumes. Esforço coroadado de êxito quando por volta dos três anos a consciência de si mesmo contrai-se no seu mais alto grau de isolamento e separação, e a esperança da raça diz "eu" para si mesmo, "eu sou eu", à imagem do Criador, egocentrando-se no trono do tempo e do espaço, da família e da sociedade, na quarta e última queda.

A caminho da morte certa, para conquistar o mundo e realizar seus sonhos. Ser bom e evitar o mal. Acreditando na escola e na vida do dia a dia. Evoluindo, evoluindo, evoluindo sempre, acredita; enquanto mata e guerreia sem parar, dividindo o mundo em eus e eles, os nossos e os contras; lutando para a paz, diz para si mesmo e para os seus. Acabaremos com eles e o mundo será o paraíso perdido longo tempo atrás, quando eles surgiram para botar veneno no nosso guisado, e a maçã na boca da mulher.

Não fossem os outros e o mundo seria bom. O outro é o "eu" que disputa meu lugar e me ameaça com a perdição. E eu sou a consciência de mim mesmo, identificado com "minha" forma corporal e todas as heranças que a acompanham, genética, cultural, anímica e espiritual. Consciência de mim mesmo localizada no corpo que julgo possuir. E quero continuar a possuir para sempre. Localizada na vida que conheço e que quero continuar a usufruir para sempre. Memórias e anseios. Memórias e esperanças. Medos e desejos.

Rezando ao Deus Criador para que tudo acabe bem, continuando eternamente, sem acabar nunca. Nada de morte, que tudo continue para

sempre. Assim o diabo ganha o pacto com Fausto, possuindo sua alma imortal para a danação eterna. Salva por Deus Criador na hora agá, pois Fausto tinha sido um bom homem e Deus Criador salva os seus, para a vida eterna sentados nos tronos à sua direita. Continuar para sempre, anseia a consciência de mim mesmo. Do jeito que der. Como for possível. Tudo menos desaparecer. Eu. Meu. Migo. Umbigo do mundo. Atman, a imagem humana de Brahman.

## VI

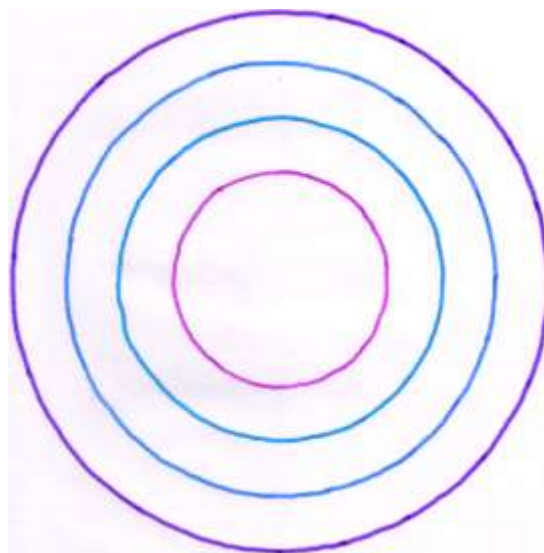


Fig 5 - Ainda crianças, por volta do segundo, terceiro ano de vida, dão-se conta de si mesmos: "Eu sou eu". Falam para si mesmos. Humanos. À imagem e semelhança de Deus Criador. Novo círculo de afastamento da Totalidade se concentra. Bolha dentro de bolha dentro de bolha dentro de bolha. A insuficiência. E começa a busca consciente da Totalidade perdida.

A Quarta Queda. A criança ensimesmada na humanidade de ontem, hoje, amanhã e depois. O adulto adormecido em si mesmo. O espaço é limitado e tudo uma questão de tempo. Eu sou eu. Em guerra pela sobrevivência. Do mais forte, do mais hábil, do mais esperto, do mais poderoso. Guerras e mais guerras e mais guerras. Guerras dentro de guerras dentro de guerras dentro de guerras. Muitos campos muitas guerras. Eu comigo. Eu contigo. Eu conosco. Eu convosco. Muitos níveis, tudo



é consciência dentro da consciência dentro da consciência dentro da Consciência. Inconscientemente. O mundo como o percebemos, experimentamos, sentimos e conhecemos hoje. A quarta aparência.

Como em cima, assim embaixo. Tudo que começa, acaba. O que aparece, desaparece. Efêmero. Ilusório. Enganador. A aparência tomada pelo essencial. O falso misturado ao verdadeiro, um passando pelo outro em um mundo incauto. Informação e forma sempre juntos na transformação perene. Espírito e matéria sempre juntos na dança da Vida perene. Um querendo hegemonia sobre o outro no melhor dos propósitos: buscando a unidade. Esquecidos da totalidade, onde aparecem como sombras, pretendendo-se realidade.

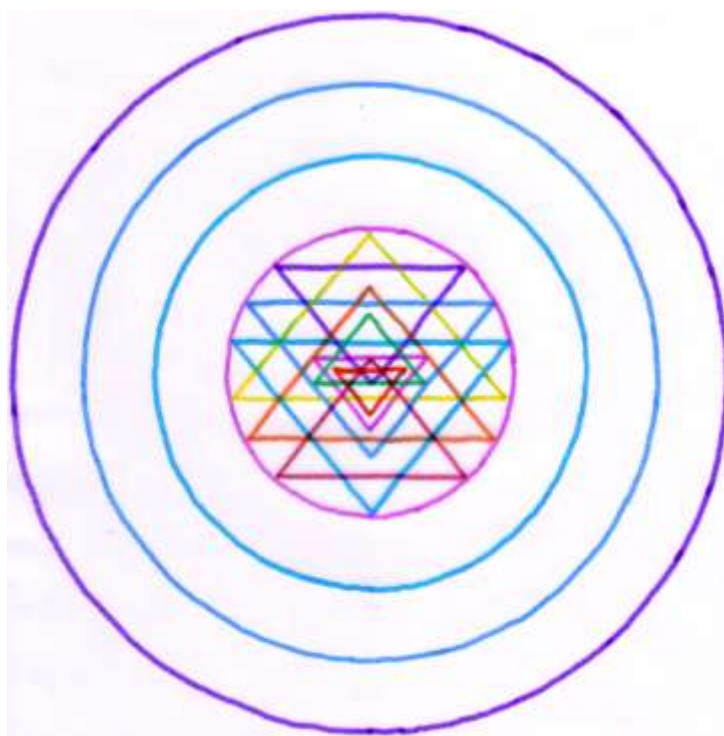


Fig 6 - No seio da separação a imagem da Totalidade se apresenta. As quatro quedas e seu reflexo manifesto. A possibilidade do despertar: nono triângulo sem par. Quinto descendente a nos lembrar.

Sri Yantra se representa no mundo. As quatro quedas e toda busca. São quatro triângulos descendentes simétricos a outros quatro triângulos ascendentes, mostrando o mundo manifesto das aparências, a Vida acontecendo, a complexidade do que está em cima semelhante ao que está

embaixo. E no seio da complexidade o vazio ímpar da Totalidade que a envolve. Um quinto triângulo descendente, sem par, um sem segundo. A promessa. No infinito de possibilidades ilusórias, uma possibilidade real: Despertar. Único destino humano.

Triângulos que indicam direção dentro da ordem estabelecida pelo nosso ponto de vista humano egocentrado. Cima e baixo, céu e terra, Mundo celestial e mundo terreno, o eixo vertical do espírito, e os diversos níveis do ser humano e do universo. E no eixo horizontal o acontecer biográfico e natural, esquerda e direita são pólos de um mesmo nível. Um triângulo que surge quando dois pontos de um mesmo nível, afastados um do outro, encontram um ponto comum em outro nível. O terceiro que é inclusivo e é incluído. Surgindo uma figura que indica movimento, direção, e sentido. Triângulos que apontam para a terra indicando um movimento descendente, e triângulos que apontam para o céu, indicando um movimento ascendente.

O céu busca a terra e a terra busca o céu. O espírito busca a matéria e a matéria busca o espírito. Um não vive sem o outro no mundo criado. Maya se apresenta como espírito e matéria simultaneamente, um buscando o outro nas infinitas possibilidades de Lila, o jogo cósmico. Na aparição do espírito está o germe do corpo, também criado.

## VII

Deus criador, ao se dar conta de si mesmo, "Eu sou", e nesse gesto "cair" da totalidade, nesse mesmo ato de Consciência cria o germe do corpo material. O espírito encontra seu corpo. Corpo material, vivo, que busca o espírito que o informa, o "Eu sou" que o criou. A Luz da Consciência é, ao mesmo tempo informação e substância formada. Onda informacional e partícula corporal. Uma apontando para a outra. Eu sou e eu corpo.

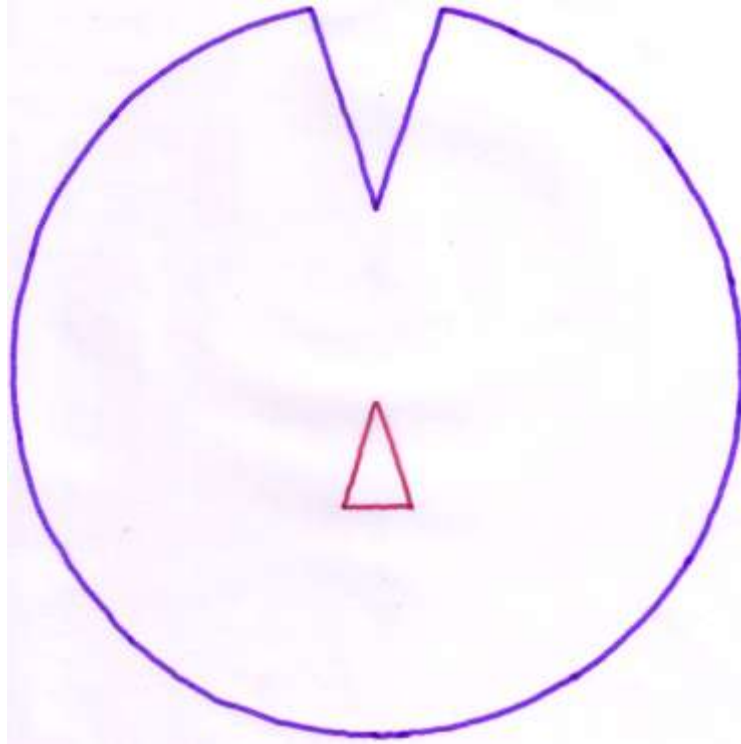


Fig 7 - Deus criador aponta para o corpo humano em germe. A consciência, localizada no corpo humano busca seu Deus criador.

No céu as hierarquias angelicais e divinas trabalham e informam o germe corporal humano. Estabelecem-se os níveis mais sublimes e mais densos do acontecer humano. O "Eu sou", seu princípio espiritual organizador, que o individualiza e se identifica, separando-se no todo; e o corpo vivo em uma forma germinal, e que será sua base e sustentação aqui na terra.

As hierarquias brincam na inocência satisfeita e não separados do ambiente divino, criado pela Consciência de Deus Criador, o céu. Mas Lúcifer não se contenta como os outros, e consciente de si mesmo, se coloca como "um", estabelecendo uma relação com Deus criador, desafia à Deus Criador. Levanta-se em oposição, querendo criar um mundo seu próprio, melhor ou igual a Deus Criador. O que não é aceito. Por isso rejeitado e expulso do céu. Esta a sua queda. Causa e consequência, ação e reação. Aparecem as leis internas dos relacionamentos. O Karma. O sofrimento de Lúcifer nascido do prazer de se individualizar e se libertar de Deus Criador. O âmbito da Alma. Um mundo interior. Aceitação e rejeição, acolhimento e abandono; e

aparecem os frutos dos relacionamentos. Nas leis, os frutos; nos frutos as leis.

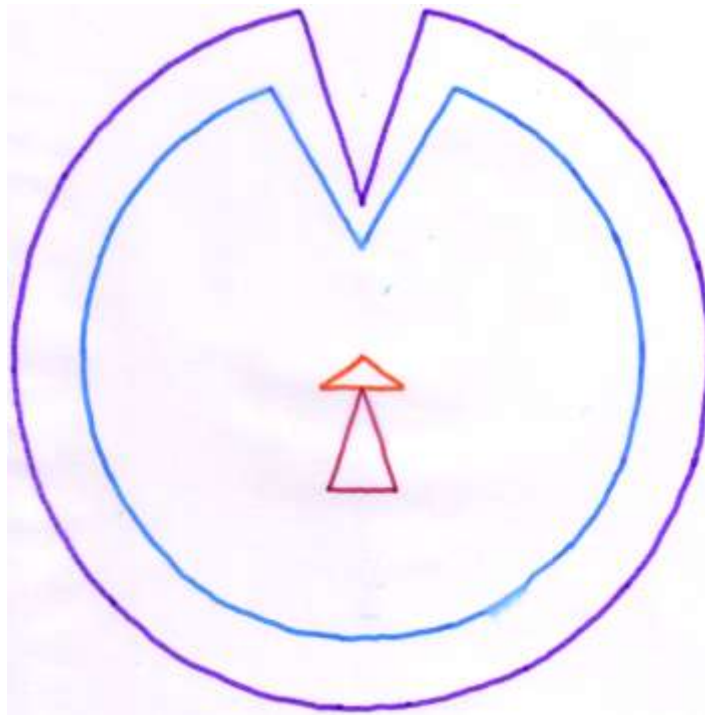


Fig 8 - A alma, suas leis kármicas e seus vínculos emocionais.

Um novo nível se estabelece na dualidade inicial. Onde tínhamos apenas Deus criador e seus anjos, passamos a ter Deus criador e seus anjos e, dentro de Deus criador, Lúcifer e seus anjos caídos. Dentro do céu estabelece-se o paraíso e suas relações, "macho e fêmea os criou". E o germe corporal ganha seu mundo interior, e sua possibilidade emocional, onde moram a dor e o prazer. Simpatia e antipatia, acolhimento e rejeição.

As leis internas, anímico-espirituais, dos relacionamentos exigem outras leis para manter a ordem externa. Regras claras. Tudo se pode fazer no paraíso, menos comer da Árvore do Conhecimento e da Arvore da Vida. Experimentar sem fim, infinito de possibilidades é a Vida vivendo em transformação perene, fluxo perene, um paraíso mesmo. Nada se detém no fluir da Vida. Formas são criadas e abandonadas sem conta. Experiências são vivenciadas e abandonadas como conhecimentos e memórias. A ordem é experimentar, sem acumular experiência. Expressar-se, ser autor de seus dias sem se deter e julgar.

Mas Lúcifer caído, rastejando-se como serpente, oferece o fruto e a promessa: "Coma, e serás como Deus criador! Saberás o que Ele sabe!". Pare. Pense. Conheça. E Adão e Eva comem; e se dão conta de que estão nus. Envergonhados. Transgrediram a lei e o poder maior vai acertar as contas. Pesados e medidos, são julgados em falta e condenados à dor e ao esforço, sua fina labuta. E expulsos do paraíso. O mundo da alma ganhando a superfície social. A espada da justiça sob suas cabeças daí em diante.

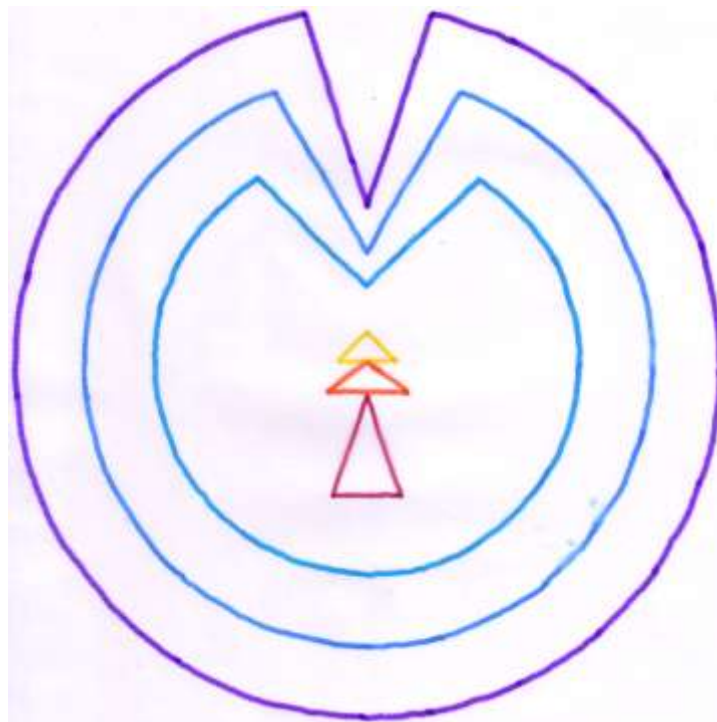


Fig 9 - Expulsos do paraíso para a terra dos homens. Entre o bem e o mal; entre o certo e o errado.

Outro mundo se cria dentro do mundo. Adão e Eva povoam a terra. E no interior do germe corporal, além das emoções e sentimentos, surgem os pensamentos com todos seus pesos e medidas. Ordem, crenças, dogmas e mandatos. As regras são claras. A tirania se estabelece jurando saber o caminho do paraíso e do céu. E promete ensinar a ser responsável e ser autor de sua obra, seguindo os passos estabelecidos nas instituições e escolas.

Os filhos dos homens e mulheres nascem inocentes, esquecidos de si mesmos, não é deles a culpa de seus pais; brincam pela terra como se estivessem no paraíso, com olhinhos voltados para o céu. Seus corpinhos são lindos, parecem anjinhos, exalando o perfume da pureza e do mistério. Contemplando-os sentimo-nos diante do sagrado. A infância é sagrada.

Degredados filhos de Eva, fecha-se o último círculo da prisão de Maya. Bastam poucos anos. Aprendem a sorrir, levantam a cabecinha, sentam-se, erguem-se sustentando-se em suas perninhas, aprendem a andar, a falar, a pensar e se dão conta de si mesmos, à imagem e semelhança de Deus criador: dizem "eu" para si mesmos, identificados consigo mesmos. Erguem-se diante de seus pais, de seu mundo e estão prontos para criar um mundo melhor que o de seus pais, quiçá melhor que o do próprio Deus criador. O mundo do Eu, com corpo, alma e espírito. Os co-criadores de Maya. É fantástico!

O corpo humano completo bate seu coração. O egoísmo humano plenamente estabelecido. Diante do bem e do mal o "Eu" humano só quer o bem, e sempre faz o mal. Quer a integração e a harmonia; a compaixão e a solidariedade; quer cooperar com tudo que parece bom, e acaba em competição e ódio, separação, exclusão e degredo. Segredos e segundas intenções na calada da noite, louvando o Sol e a transparência do dia. A última camada é o centro. A mais profunda é a mais superficial. Tudo às avessas. Ser humano no universo. Ilusão completa!

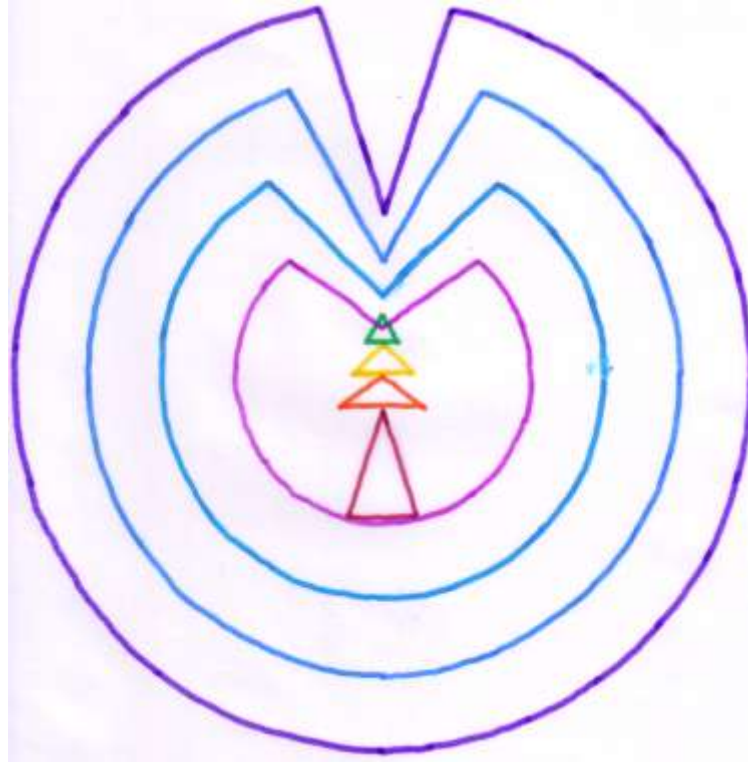


Fig 10 - Eu sou eu. A separação completa-se na alma. Eu faço.

Ilusão completa? Sim. Maya firmemente estabelecida, dando voltas e mais voltas dentro de si mesma, mostrando-se ao contrário do que é. O falso mostrando-se como verdadeiro. O verdadeiro mostrando-se como falso. A confusão firmemente estabelecida. Engano e auto-engano. Eu sou eu. Eu sou mais eu! Deixa comigo. Eu sei o que quero. E eu vou conquistar. E com Paulo, sofro: "O bem que quero não faço; o mal que não quero, este sim, faço".

## VIII

Os triângulos se encontram e ali parece completude. O caminho chegou ao coração. Deus criador e seu filho dileto juntos para sempre. Eu sou um com Deus! Ah!... Eu! A menina dos olhos de dEUs, o criador do céu e da terra e de todos os seres que os habitam. Eu, com o poder criador, atuarei a partir do coração, para dominar o mundo com o amor.

EU criarei as instituições perfeitas; EU darei a educação perfeita, para um sistema social perfeito e integrado; EU criarei uma cultura de paz e

solidariedade, nem que seja à força! Se não houver cooperação com essa MINHA idéia maravilhosa - por burrice, ou falta de educação, ou causa genético -, então vai na marra mesmo. Por amor: ou mato ou morro! EU sou o tal! EU decido, EU mando; pois EU estou à serviço do bem maior que EU sei qual é, pois a MIM me foi dado esse poder! EU, o ungido de Deus criador, também criador, assim como Deus Criador. Parceiro e co-criador deste mundo junto com Deus Criador.

Para isso meu sistema nervoso é perfeito. Reptiliano, emocional, racional e integrador. Tudo que preciso Eu já tenho. E tudo que tenho não basta. Tudo que tenho não serve. Continuo de fora. Continuo sozinho. Continuo sem saber de fato. Tudo que sei não serve.

A Vida escapa. Rodopia, rola, enrola, joga para o alto, puxa o tapete! A Vida faz e desfaz! A Vida respira, a Vida flui. Nascimentos e mortes se sucedem e Eu continuo buscando o essencial, que escorre pelo vão dos dedos tal qual a água. A continuidade não me ilude mais. Quero comer da Árvore da Vida! E esse fruto me escapa.

Ouçó João, o evangelhista, chorando: "É preciso que Eu diminua e Ele cresça" e entendo; quero morrer na Árvore da Vida, mas tudo que sei fazer é me enforcar em seus galhos, em mais um dos truques de Maya, transformando a verdade em mentira e apresentando a mentira como verdade. A morte vislumbrada não é a morte que destrói o corpo, a morte matada do suicida que almeja o desaparecimento e apenas destrói seu instrumento corpóreo. Mas como? Como fazer? Como morrer na Vida? A brecha? Onde a brecha? O exemplo de Cristo na cruz? A Árvore da Vida é a cruz? Morrer na cruz? Entregar o que é finito, o limitado Eu sou, e deixar surgir o que é? Só ser, infinitivo e atemporal? Quem entrega? Quem desperta? Quem sou eu?

## IX

Estamos vendo tudo e essa imagem se descortina inteira, na Consciência onde o mundo se cria, a consciência humana se egocentrou, passando por etapas descendentes, níveis dentro de níveis dentro de níveis de contração exponencial.



Agora podemos olhar para o que os hindus querem dizer quando dizem que só Brahman encarna e reencarna. E o que é a busca de iluminação ou evolução da consciência.

Brahman é o começo da criação. A Consciência que se separa e se individualiza na Totalidade, criando um Universo em Si mesma, cuja tessitura substancial básica é a própria Consciência que se separou ao dar-se conta de Si mesma. O Deus que diz Eu Sou o que Sou. O Eu Sou do Universo. Esse é o aparecimento de Brahman e, nele (dentro dele), se cria o Universo ou, em outras palavras, o Universo aparece, "se encarna", nas diversas quedas - diversos níveis de complexidade crescente - aparecendo tudo o que existe, ou, Brahman encarnado, ou ainda, aspectos de Brahman tomado forma. Cada ser existente, um aspecto de Brahman corporificado. Cada ser existente uma encarnação de Brahman. E é no homem, no ser humano, que a Vida aparece de tal forma organizada, com um sistema nervoso a tal ponto organizado que temos a possibilidade da consciência aparecer e identificar-se com o instrumento que lhe permitiu aparecer, individualizando-se, como um "Eu sou" humano, ou Atman, aparecendo como imagem e semelhança a Brahman.

Notemos que a Consciência é prior ao sistema nervoso; e cria o sistema nervoso onde se manifesta de forma localizada e contraída, como um Eu individualizado. Isso é representado na mitologia cristã como Lúcifer se levantando no seio de Deus e se opondo a Ele, querendo ser como Ele, querendo ser do tamanho de Deus Criador; e, depois, no Ser Humano se reconhecendo a si mesmo diante de Deus Criador pelo fruto do Conhecimento - empurrado por Lúcifer. A consciência de si mesma humana aparecendo na Consciência, individualizando-se, identificada a um corpo mortal. O universo é o corpo da Consciência Brahman, o corpo humano o corpo da consciência humana, Atman.

O que se chama "Causação Descendente" é o aparecimento do corpo humano com seu sistema nervoso permitindo a consciência humana, desde a Consciência Brahman no seio de Brahman, ou seja, na própria Consciência, pelas diversas aparentes quedas - sendo o próprio aparecimento da Consciência Brahman em Parabrahman, a Totalidade, ou Ser, a primeira queda. Outro modo de falar disso é dizer que a consciência humana é uma localização que ocorre na Consciência, uma limitação.

É aqui que começa a chamada "Evolução Ascendente". O Eu localizado - consciência localizada - chegou ao fundo do poço, ao degredo mais fundo,

isolado e insuficiente. Perceber-se e sentir-se separado é o começo da busca. A busca, o caminho da volta, o anseio pela totalidade perdida. O movimento para ampliação da consciência humana em direção à Consciência, vista como totalidade. O Eu localizado em busca do Eu universal, identificado como Deus. Atman buscando Brahman. Eu buscando Deus. A ampliação da consciência para ficar do tamanho da Consciência. Ficar do tamanho de Deus. O sonho de Lúcifer. A busca da Unidade. Eu um com Deus. Eu Deus: um só! O drama da criação atingindo seu pináculo. Seu fim.

A história é a história da consciência humana. Tudo que conhecemos de nós mesmos é a consciência que temos de nós mesmos. O Eu que pronunciamos, a consciência de mim mesmo; visto no outro: a consciência de si mesmo. Consciência de mim mesmo que encontro localizada no corpo que habito, o meu corpo.

Minha história não começa na minha concepção, nem no meu nascimento, data do meu aniversário. Começa no dia que apareço para mim mesmo e me percebo como Eu separado do outro, minha mãe, meu pai, minhas coisas. Começa em algum momento algum tempo depois da data do meu nascimento. Quando passo a ser referência para tudo que acontece comigo. Um ponto central de referência. Um ponto de vista localizado no corpo. Um núcleo de referência e organização de memórias. Um marco no tempo que, para mim, começou ali. Marco zero. Eu sou o tanto que minha memória de mim mesmo alcança. Mas minha memória não é minha. A minha memória é parte de um campo de memória que existe com a Vida, que não teve começo nem terá fim.

Ser é Presença, Vida é sua imagem, transformação perene que aparece como Consciência e deixa Memória e Matéria na sua esteira. Tudo isso é tão delicado que não existe outra forma senão repetir e repetir muitas vezes, a cada vez um ângulo pode se fazer mais claro, algo pode se revelar...

Um campo de memória e matéria cuja substância básica é Consciência. Em outras palavras, o Campo Akáshico, memória universal, existe na Consciência Brahman, Consciência universal e sua contra-parte é a Natureza, ou o universo material, que também existe na Consciência. Na verdade não se poderia dizer "também" pois Memória e Matéria são Um aparecendo como dois, e não dois de fato. São frente e dorso da mesma moeda: Consciência. Consciência é o que aparece "primeiro". Entre aspas, pois tudo isso é um só. Um que aparece como três, na verdade. Vida é Um

aparecendo como três. Consciência > Memória e Matéria. Memória e Matéria como dois pólos no fluxo da Consciência.

Memória é o princípio informacional, Matéria é o princípio substancial formal. A Memória começa com Consciência de Si mesmo, com Brahman ou Deus Criador. O princípio organizador do Akasha é a memória "Eu Sou", Brahman ou Deus Criador, conhecido como Fonte ou Origem: o princípio Espiritual. Não origem da Consciência, mas do qual a Consciência é origem. Ser não tem origem, é movimento infinito, é verbo infinitivo. O Ser, substantivo, que aparece como Brahman ou Deus Criador, tem origem na Consciência de Si mesmo.

A consciência humana localizada, individualizada, aparece como memória e matéria, ou mente e matéria. Espírito e corpo. Espírito é o princípio informacional por dentro, ou "por trás", do corpo, tido como manifestação do espírito. Espírito vive no Akasha, como memória que é, e Corpo vive na Natureza, como substância viva que é. Substância viva é como se chama a substância formada no âmbito da Vida. A substância nunca tem vida, é a Vida que vive na substância; é a substância que se amolda a Vida. Claro, colocando um aparente limite, uma resistência, que é seu limite como matéria, que suportará a Vida até o momento que não suporta mais, quando então é abandonada, como memória e matéria, espécie de resíduos à passagem da Vida.

A consciência humana individualizada é o espírito que habita cada corpo humano. Como aparece individualizada entra em relação com as outras formas que também aparecem como que individualizadas, sejam humanas ou não. O relacionar-se cria um mundo em si mesmo, "um nível da manifestação", o mundo das relações, ou o mundo das ações e reações nascidas da relação, uma vez que em relação pode acontecer acolhimento ou rejeição, inclusão ou exclusão, simpatia ou antipatia, como pólos do fenômeno relacional. As ações e reações formam o que conhecemos como sensações, emoções, sentimentos e pensamentos. O mundo da Alma. Ou o nível da Alma, entre o Espírito e o Corpo.

Como bem disse Goethe à respeito das cores: "Os feitos e sofrimentos da Luz no seu encontro com as Trevas". A Alma, feitos e sofrimentos do Espírito ao se perceber no Corpo. O espírito ao ter consciência de si mesmo no corpo. Ou como diz o Buda: "Nascer é sofrer". Perceber-se como "eu" no corpo, sentir-se um eu. Sofrimento, e seu

contrário polar, o prazer, é o mundo da Alma. Chamada Psique na língua grega.

## X

Tecnicamente as palavras "alma" e "psique" são sinônimas, alma é do latim "Anima" e psique é, em grego, o nome da alma; ambas as palavras apontando para a mesma "coisa".

Bem, o que é esta "coisa"? Até o século IX a Igreja Católica reconhecia o ser humano como um ser trimembrado, compondo-se de corpo, alma e espírito. Por "alma" entendia aquilo que existia entre o corpo, estrutura física como a conhecemos, e o espírito, a consciência individualizada, o "Eu sou" (aquilo que nos individualiza e nos faz dizer "Eu" para nós mesmos). Falava que imortal era o espírito, que habitava um corpo mortal. Desse encontro entre o imortal e o mortal, surgia, como que entre os dois, a "coisa" chamada alma, onde se reconheciam todos os sentimentos, sensações e emoções, os medos e os desejos, as simpatias e antipatias.

Depois disso, a Igreja deixou de ver o ser humano como trimembrado, passando a vê-lo apenas como alma e corpo, ou espírito e corpo; sendo que as palavras "alma" e "espírito" passaram a ser sinônimas, designando uma mistura de espírito e alma, sendo vista como a parte imortal do ser humano e também onde vivem os sentimentos e aspirações mais nobres, constantemente assediada pelo "Diabo", querendo conquistá-la para si. Diabo é aquele que, por querer ser igual a Deus, foi expulso do Céu; seu nome é Lúcifer, o "Portador da Luz". O mesmo que seduz Eva com o fruto da "Árvore do Conhecimento".

E a Igreja sempre reconheceu a Deus, o criador, como o Espírito supremo ou "Anima Mundi" (Alma do Mundo), ou seja, o modelo pelo qual se constitui o espírito humano, o "Eu sou" humano; sendo espírito ou alma, a partícula divina no ser humano. No hinduísmo esse "Deus criador" é chamado de Brahman, e a partícula de Brahman no humano, o "Eu sou" divino no humano, de Atman.

Tudo isso é representado pelos quatro pares de triângulos, descendentes e ascendentes. Sendo o 1º triângulo descendente o "Espírito" ou "Eu sou", ou "Eu superior", ou "Atman", e o 1º triângulo ascendente o "Corpo vivo". Os outros triângulos descendentes e ascendentes, 2ºs, 3ºs e

4ºs, são do âmbito da "alma", entendendo-se por alma essa interface entre espírito e corpo. O 2º descendente com características mais próximas do espírito, e o 2º ascendente com características mais próximas do corpo. Os 3ºs formando a alma por excelência, e os 4ºs triângulos, também alma, mas assumindo características do ser, ou do 5º triângulo, que é seu desejo maior, ser o ser, ou simplesmente: ser.

Aqui entra a compreensão essencial e diferenciadora, que distingue o ser (verbo infinitivo) tanto de alma, quanto de espírito, ou Deus Criador. Pois o ser é a Totalidade, o Um indivisível, e incognoscível, sem nome e sem forma. O que Lao Tse fala no "Tao Te Ching" como: "O Deus que pode ser nomeado não é o Deus verdadeiro/ Sem nome Ele é o Imanifesto e Real/ Com nome é a mãe das dez mil coisas, é o Deus criador". Esse Deus verdadeiro, que não tem nome, é o que é, e isto é ser, um verbo no infinitivo. e é representado pelo 5º triângulo, o que não tem par.

Note-se que ser é o fluxo perene que sempre é, sem antes nem depois, atemporal. Deus criador, espírito, alma e corpo, aparecem no Ser, como aparências mesmo, dentro do tempo e do espaço, com começo, meio e fim; pois assim como aparecem, assim desaparecem. Ser não é nem consciência nem inconsciência, nem Consciência - com maiúscula.

## XI

Consciência é a alma por excelência. Dito de outra forma diríamos que a consciência vive na alma; ou ainda, a alma consciente da separação busca sua integração com Deus, o espírito criador, ou a Consciência original. A chamada evolução da alma é seu encontro com Deus. Evolução ascendente é o caminho da alma na sua peregrinação à Deus. E a vida na terra é a sua escola de aprendizado e evolução. Entre o Bem e o Mal ela busca o Bem. Entre o certo e o errado ela busca o certo. Pois o Deus é o supremo Bem, sempre certo. Deus Criador. Brahman.

Mas o fato é que a Alma nunca evolui. Ela existe de opostos. Mas coloca para si mesma como meta da evolução o desaparecimento de um dos pólos e o predomínio final e definitivo do outro pólo. O que nunca vai acontecer. Pois ela existe de opostos. E um pólo não vive sem o outro. Bem e Mal são irmãos siameses. Certo e errado são gêmeos univitelíneos. O que seria o estado evoluído da alma é o desaparecimento dos opostos, ou o

desaparecimento da própria alma; e não o desaparecimento de um dos pólos como gostaria a alma, assegurando sua permanência.

Expressão disso é o fato de nunca deixarmos de guerrear uns com os outros, seja porque nossa oferenda não foi aceita, como no caso bíblico de Caim e Abel, seja para conquistar o que queremos do outro, terras, riquezas minerais, hegemonia e poder, ou o "bem" dos nossos, como nos casos históricos de Napoleão, Hitler e Bush, por exemplo.

Desde que o mundo é mundo fazemos guerras, guerras santas e guerras profanas, cujo resultado é sempre expressão de violência, ódio, medo e destruição, tornando impossível a convivência, pedindo a exterminação de um dos pólos confrontantes. Alma por excelência. Um pólo querendo a extinção do outro. Nunca a extinção mútua, mas certamente levando à destruição mútua. O jogo dramático da comédia de erros e enganos.

A consciência individualizada existe nessa guerra ou brincadeira de opostos. Espírito e Matéria. Luz e Trevas. A matéria a caminho do espírito; a sombra que se iluminará! Cada vida terrena vista como uma experiência da alma para superar seus erros e enganos. Uma possibilidade. Claro que tentará de tudo. Criará leis e tentará organizar tudo. Identificará o Bem e o Mal, o certo e o errado, e legislará e fará acordos, para exterminar o mal e o errado e que prevaleça o bem e o certo. Criará normas sociais de convivência e punirá os infratores. Estabelecerá regras e dogmas, e viverá entre crenças e prescrições do que é certo e do que é errado. Sempre em guerra e competição, competindo por tudo que enxergue como valor, mas ansiando por um mundo melhor, um mundo onde predomine a cooperação, a solidariedade, a compaixão e a paz, que a alma enxerga como o dia em que prevalecer o certo sobre o errado e o Bem sobre o Mal. Um pólo sobre o outro. "O impossível tão estúpido como o real", como diria Fernando Pessoa pela escrita de Álvaro de Campos.

## XII

A consciência individual é o que surge no corpo. Entre memória e matéria, com a memória consciente de si mesma em um momento propício. Mas o campo de memória universal é infinito como a Vida, embora esteja sempre uma fração de tempo "atrás". Presença não tem memória. Memória é

registro do que ficou para trás, alcançado pela consciência. Consciência vive de memória ou na memória, melhor dizendo.

O que acontece é que a consciência individualizada localizada em um corpo as vezes vai além de "si mesma corpo" aberta à outras camadas da Consciência e, conseqüentemente, à outras camadas da Memória Universal, ou Akasha. E se lembra de si não apenas como as memórias relativas às experiências daquele corpo específico onde aparece localizada agora, mas como memória de muitas outras experiências igualmente corporificadas, criando uma linha no tempo e um fenômeno conhecido como vidas passadas em reencarnações sucessivas. Pois na Consciência Brahman formam-se linhas determinadas pelas características da consciência que penetra, ou melhor, se expande pela Consciência.

Em outras palavras: a consciência individualizada, identificada e localizada em um corpo vivo, se expande pela Consciência original, em linhas determinadas por suas características circunstanciais - linha genética, família, sociedade, educação, dons e talentos, habilidades desenvolvidas, aprendizados, etc -, por sua experiência de vida.

Olhando de novo, o universo todo surge como uma bolha de Consciência no ser. Passa por sucessivas quedas, internas a essa bolha, pois esquece-se que é uma bolha e a totalidade passa a ser a bolha de Consciência, ou seja o Universo criado em Brahman - Maya, a bolha de Consciência. Essas sucessivas quedas vão formando os diversos níveis da "realidade bôlhica", ou dos diversos níveis de consciência e manifestação na Consciência, dos quais a consciência humana acorda para si mesma e se percebe como um "Eu sou" semelhante ao "Eu Sou" do cosmos - Brahman ou Deus Criador.

Em princípio a consciência humana está totalmente identificada com o organismo corpomente onde se percebeu pela primeira vez como memória de si mesma, mas pode se expandir pela Consciência, e em geral essa expansão ocorre ao longo de "linhas de consciência" semelhante a encarnações passadas de um mesmo núcleo, mas que são apenas identificações com memórias ligadas por um fio circunstancial, pois se formos rigorosos na nossa visão, vemos que a única Consciência a se corporificar nas "dez mil formas" ou nas zilhões de corporificações que existiram até agora foi Brahman ele mesmo, a primeira queda e separação no ser.

Como todas as zilhões de "consciências" que se identificaram com formas corporais, apresentando-se como "almas encarnadas", assim aparecem por identificação com o jogo dos opostos, buscando a eliminação de um pólo e a prevalência do outro, e nunca conseguem, isso deixa um resíduo de influência que atuará sobre as próximas consciências a se constituírem (próximas almas a aparecerem encarnadas).

Sim, atuará. Pois atuam como zonas de influências "temáticas" ou padrões de incompletudes na Consciência, aparecendo como campos e mais campos vibracionais que influenciarão cada acontecimento de acordo com seu tema padrão. A isso damos o nome de Karma. Que nunca é pessoal ou individual, mas campos de influência pelas infinitas ações incompletas; que vai ser sempre representado de novo e de novo pelas consciências individualizadas, ou pessoas, desde que vibrem na mesma faixa vibracional do tema kármico.

Ou seja, o que víamos como reencarnação, não é realmente reencarnação, e o que víamos como Karma, não é realmente Karma, entendido como lei de causa e efeito das ações de um determinado indivíduo, mas algo que diz respeito a todas as experiências corporificadas e à disposição de todas as consciências individualizadas, que cumprirão o "karma" de acordo com o nível em que vibrar, possivelmente por ressonância e sintonia.

Segue-se dessa visão que não existe a alma como entidade individualizada, mas apenas como uma identificação da consciência com determinado organismo e com o corpo e memórias assim vinculadas, seja desse organismo em particular seja de outras experiências corporificadas no infinito movimento da Vida, que formam uma linha ressonante com esse organismo corpomente específico.

Na morte do organismo, a consciência se transfere para os níveis sucessivos de complexidade decrescente agora, até a expansão na Consciência, podendo prender-se em si mesma e em determinadas características que a memória se vincule especialmente, permanecendo "como que individualizada e sem corpo físico em um plano sutil aguardando para reencarnar" - até que nasça e influenciando o nascimento de um organismo corpomente sintônico a esse conjunto de memórias, identificados por um nome como uma pessoa. Ou, como anseiam os tibetanos, a consciência na hora da morte de uma pessoa evoluída espiritualmente se transfere para a Clara Luz Branca onde desaparece para nunca mais reencarnar, presa ao



lado iluminado dos pares de oposto. Apenas consciência individualizada que desaparece na Consciência. E por "evoluída espiritualmente" entende-se a consciência que abandonou os pares de opostos por um de seus pólos, pelo esforço de uma vida de práticas espirituais e boas ações, segundo sua cartilha autorizada; deixou o jogo dos opostos capturada pelo pólo luminoso, sem sombras de dúvidas.

### XIII

Acontecimento muito diferente é o despertar de um Buda. Buda é o nome que se dá para aquela consciência individualizada que desperta para o Ser. O que se chama o "acordar" ou "iluminação". (Iluminação é chamada pelo viés da alma que quer eliminar a sombra e viver na luz). Na verdade é mesmo um despertar. Acordar do sonho de separação da consciência e da Consciência e despertar para o Ser infinito, sem começo e sem fim, Presença - nem consciência nem inconsciência. Fim de Brahman e de Deus Criador. Fim do espírito, fim da alma, fim do corpo, fim da matéria. Fim do sofrimento, da reencarnação e da morte. Fim do Universo conhecido e fragmentado. Fim de tudo. O Vazio. Parabrahman.

Para quem vê de fora e do ponto de vista de uma consciência que se crê individualizada e identificada com um organismo corporeamente tudo continua como antes, mas para aquele que acordou, nada nunca aconteceu, apenas um sonho como uma chispa, nem nada nunca acontecerá.

Nem mesmo "seu acordar" aconteceu. Houve um acordar, mas ninguém que acordou, nenhum eu acordando. Acordar é o desaparecimento do eu. Sim. O eu desaparece sem ninguém fazê-lo desaparecer. Uma ação sem causa e sem finalidade. Livre. A "alma aniquilada" de Marguerite Porete na França herética do princípio do séc. XIV, sem desejo pessoal, cumprindo a "vontade de Deus", como diz Ramesh Balsekar no princípio do séc. XXI na Índia atual.

O eu desaparece, o acordar acontece, e a visão clara de que nunca houve um eu nem a separação. Um paradoxo que revela a única realidade: o Amor. Amor é o ser de tudo, a Presença, a Verdade e a Vida. Vazio e plenitude.

Aí sim temos o que imaginamos que acontece com uma dita "alma evoluída" - aquela que praticou corretamente todos os ensinamentos e que atingiu a realização ou a iluminação; mas que nunca acontece como decorrência de práticas e caminhos, pois o que é construído pode ser facilmente destruído. Temos um instrumento corpóreo que vive em cooperação, solidariedade, compaixão e paz.

Mas não é uma alma evoluída, e sim uma alma que deixou de ser; é o aniquilamento da alma, da mística cristã citada acima, queimada na fogueira da Inquisição. Um "Eu sou" que se aniquilou e desapareceu. E deixou o que sempre esteve: Presença sem causa. Não nascida. Que nem "morre" nem "renasce". Que saiu da roda do karma. Deixar de ser que não é fim de um processo atingido pela alma no seu caminho de evolução. Mas um acontecimento sem causa, que todos querem e ninguém consegue.

Unidade, que nunca se fragmentou - apenas aparentemente, pela Consciência. Quinto triângulo é a unidade. O um que aparece como dois. Como o castelo do Graal que todos buscam e ninguém encontra. A porta que se abre para o segredo aberto, sem nunca ter havido porta nem parede. A vida sem um centro, como diz Jeff Foster. O terrível paradoxo de Richard Sylvester: "Não existe isso que se chama a liberação, mas isso só se vê quando existe a liberação". O quinto triângulo que não existe enquanto eu o busco ao longo dos quatro pares de triângulos descendentes e ascendentes na roda do karma da alma humana entre o espírito e a matéria de Maya e sua Lila. O quinto triângulo, que aponta para a única realidade. A única Realidade.

#### XIV

Assim na Totalidade, colapsa-se o Deus Criador, pela Luz da Consciência; no Céu colapsa-se o diabo, Lúcifer - o Portador da Luz - querendo construir um mundo melhor que o de Deus criador; no Paraíso colapsa-se a autoconsciência no ser humano, pela sedução de Lúcifer com a "Luz do Conhecimento"; e na inocência da infância, colapsa-se o ego humano auto-consciente no ato "luminoso" de perceber-se separado do resto. Quedas, dentro de quedas, dentro de quedas. Quatro quedas que colapsam o mundo como o conhecemos, incluindo a nós mesmos. Causação descendente. Os quatro níveis básicos da Ilusão. Maya.

Mas, lembre-se, ilusão não tem existência Real, só existência aparente, só ser é Real, por isso pode-se dizer, o Ser é. espírito, alma e corpo são apenas a ilusão que aparece como espírito, alma e corpo, não são manifestação do ser; são manifestação da consciência, que é manifestação de si mesma. O ser continua sendo o que é, imanifesto e incognoscível, mas única realidade. Quando a ilusão desaparece, o Real permanece.

No que aparece, ou seja, em Maya, espírito é o princípio individualizado e corpo é a forma individualizada. Alma é o conjunto das reações que surgem, como emoções, sensações e sentimentos, da relação do espírito com o corpo, ou do corpo com o espírito. Esse é o âmbito da psique ou alma. O que aconteceu foi que a palavra latina para essa região do ser humano, "anima ou alma", ficou dentro do âmbito da religião, e a palavra grega "psique" ficou dentro do âmbito da academia ou da "ciência".

A religião esquece o ser por parar no Deus Criador e tratá-lo como se fosse o ser. Por ficar na continuidade da manifestação. Ser é presença por trás de tudo, quando a ilusão desaparece, ser se torna evidente por si mesmo. Mas isso é uma ruptura na continuidade da ilusão. Por isso se diz que para ser, ou para o 5º triângulo, não tem um caminho. É um despertar, da continuidade da ilusão para a realidade de ser, o que é. Uma descontinuidade. É quando se pára. É quando se "morre" para a ilusão. Temos muito medo da palavra "morrer", mas é a realidade do morrer para a ilusão que nos acorda para a Realidade. Paz e silêncio são os atributos, vazios de si mesmo, que se revelam, desvelados.

É o que o mistério cristão mostra com a "morte na cruz" e a "Ressurreição". A Morte na cruz é a Morte da Ilusão, do que é ilusório no ser humano, e a Ressurreição é o despertar na realidade do Ser, o que é, o essencial. É semelhante ao mistério do Buda, "aquele que despertou da Ilusão para a Realidade" ou "o Desperto". Dizem que o Buda nega a existência de Deus, e é fato, pois o que desperta nega a existência da ilusão, seja como Deus Criador, seja como Consciência, seja como espírito, alma e corpo; nega tudo aquilo que é temporal e impermanente; nega tudo o que passa, tudo o que aparece e desaparece. No despertar vê-se o Real como Real e a ilusão como ilusão, e não se toma um pelo outro. No despertar reconhece-se apenas o que é, isto é, ser. Olha-se a ilusão sem deixar-se seduzir por ela; os olhos estão abertos para o que é. Por isso se diz que no tempo, não é do tempo; no corpo, não é do corpo; na alma, não é da alma; no espírito, não é do espírito; no mundo, não é do mundo.

"Bem-aventurados os pobres de espírito" disse o Cristo. Realmente, pobres de espírito! São os que não têm realmente nada, perderam a si mesmos, perderam seu espírito, e sua alma na única morte definitiva, a que se coloca fora da Roda do Karma, fora da Roda de Nascimentos e Mortes, fora do círculo do tempo. Pobres de si mesmos, são apenas o que são, isto é ser - sem nome e sem forma. A Vida, que nunca teve começo, e também não tem fim, é imagem do ser. Imagem é a aparência. E não são dois, aparência e Realidade, é um só: só o Real existe.

## XV

Mais que depressa, instantaneamente a consciência pergunta: Onde está o quinto triângulo de Sri Yantra? Como realizar essa façanha? Como viver a partir da Realidade? E as respostas aparecem enigmáticas: "É uma terra sem caminho, comece pelo desconhecido", diz Krishnamurti. "Quem sou Eu?" Grita Ramana, o Maharshi. "Abandone a idéia de ser um Eu e se confronte com a questão: quem sou Eu?" Reitera Nisargadatta. "Eu espero que você morra logo!", exorta Tony Parsons! O vazio se abre feito abismo diante da total falta de esperança. A descontinuidade. Mas ficamos aí? Alguma vez realmente perdemos a esperança? Não conhecemos a total falta de esperança, pulamos direto para o desespero, que é cheio de esperança.

O que se coloca diante de nós é o fato de que, como consciência que se percebe como que individualizada nos sentimos uma pessoa separada de outras pessoas, envolvidos em histórias pessoais que se estendem em histórias familiares e nacionais. Esse o nosso drama, nosso pathos. A busca de saída, que julgamos há de vir pelo esforço, pela força de vontade, pela seriedade e cuidado, pela atenção e intenção corretas e bem aplicadas. E se ainda não conseguimos isso é por nossa falta, porque não fizemos direito, ou pela falta de dados e conhecimentos, por não sabermos como fazer direito, e que se formos corretamente ensinados e treinados, e se formos realmente sérios e aplicados, no fim de um processo conseguiremos realizar a unidade e conquistaremos a iluminação e a santidade, riqueza das riquezas, e poderemos nos alojar à direita de Deus, o Criador, todo-poderoso - que entendemos como "com todos os poderes", nosso sonho maior; nem de longe sonhamos com o significado simples e direto "o Todo, poderoso", poderoso por ser o Todo, a Totalidade. A Totalidade não tem trono - onde poderemos

nos sentar? Nem direita nem esquerda, nem em cima nem embaixo, nem lá nem cá, nem antes, nem agora, nem depois. Nem eu nem Deus Criador.

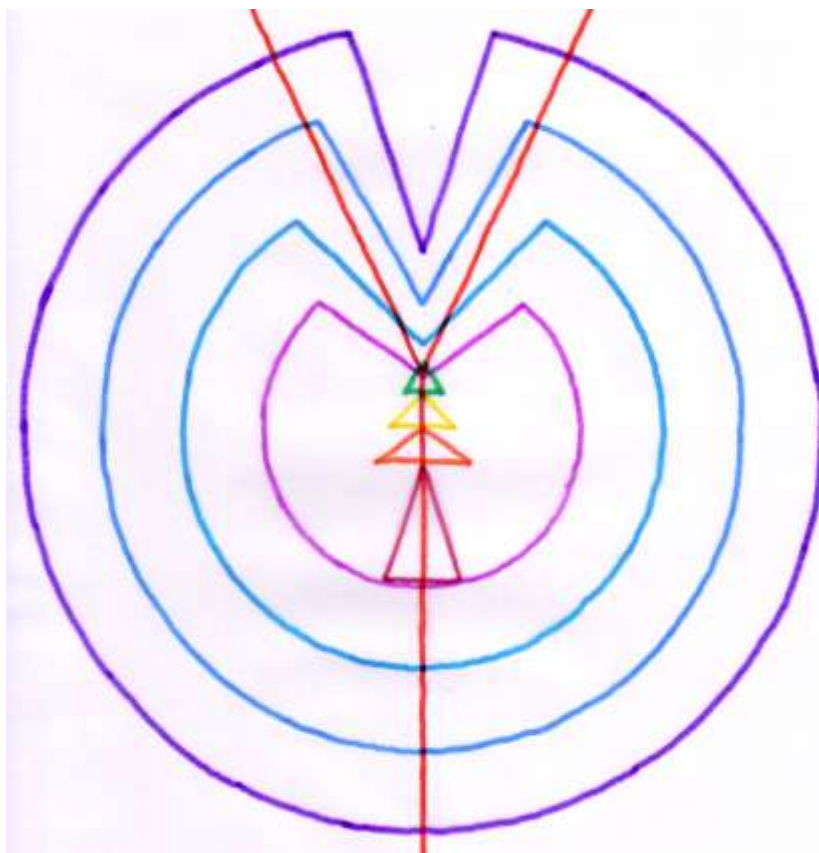


Fig 11 - Um aparece como dois, aberto no desconhecido, e o que aparece é o universo inteiro, assim como o experimentamos hoje.

O Quinto Triângulo. A brecha que atravessa Maya sem se deixar enganar. A verdade como verdade, e a mentira como mentira; cada coisa no seu lugar. A não-coisa sem eira nem beira. "Na verdade não existe coisa alguma, onde vai se ajuntar a poeira?" sussurra Hui Neng, absolutamente desconhecido afirmando que a página sempre esteve em branco, letras, palavras, sentenças e desenhos são apenas aparências no vazio do papel, sempre branco, imaculado, incorruptível. E Li Po sussurra em silêncio:

*"Os pássaros desaparecem na amplidão do céu.  
E agora, a última nuvem se derrama, e desaparece.  
Sentamos juntos, a montanha e eu.  
E então, só a montanha permanece".*

Na DEP apresentamos o mistério como os Triângulos sobre o Homem Vitruviano de Da Vinci. Quatro pares de triângulos e o quinto, que não é par de ninguém, um sem dois. É um que aparece como dois.

E onde, de fato se localiza o 5º triângulo no corpo humano? Não se localiza no corpo, é no espaço vazio entre as células, entre as moléculas, entre os átomos, entre as partículas, que se apresenta o 5º triângulo. A bem da verdade, o 5º triângulo não está no corpo (nem na alma, nem no espírito). É o corpo (e a alma, e o espírito) que está no 5º triângulo, que aparece no 5º triângulo. O vazio onde tudo acontece. Tudo aparece no vazio e desaparece no vazio. O vazio é primeiro, e único.

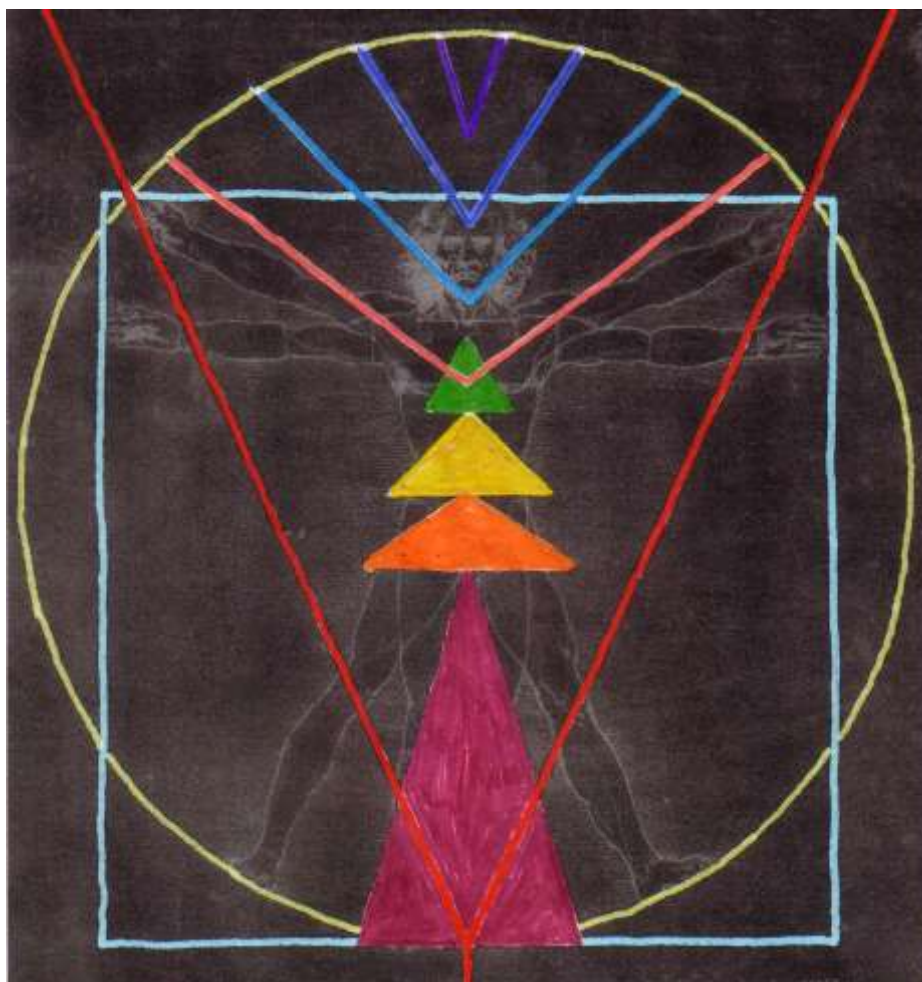


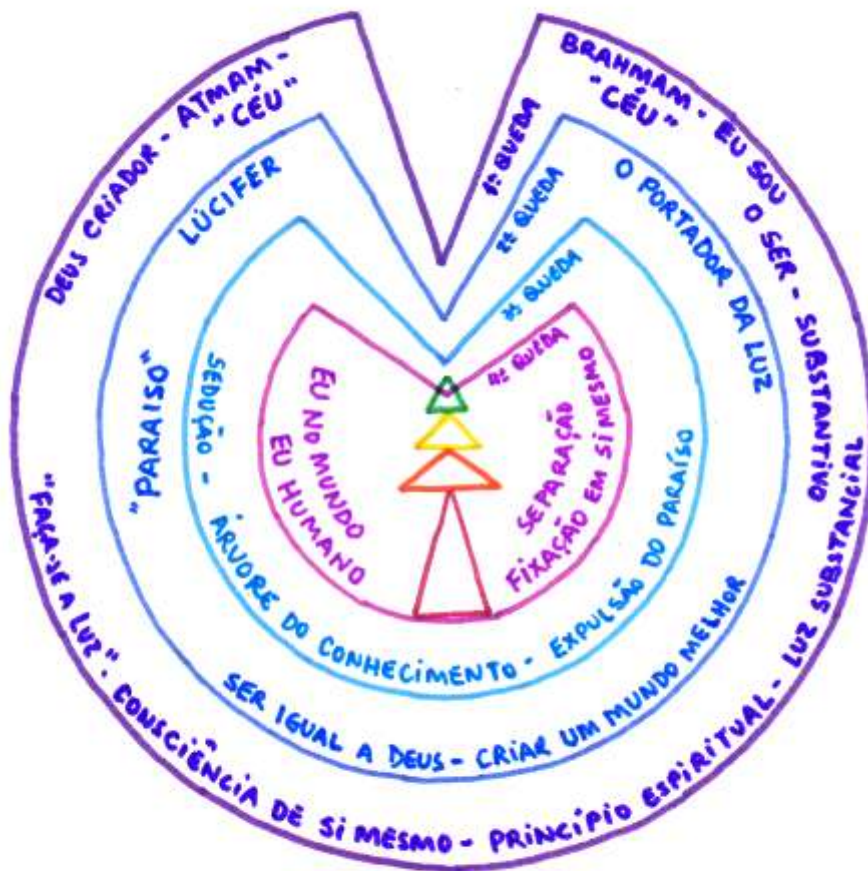
Fig 12 - Imutável. Sem forma e vazio. Ser infinito. A Vida flui, nem consciente nem inconsciente. Desconhecendo. Desconhecida. Assim.

A Vida é o que é. Acontece assim. Tudo que se organiza e aparece em separado, individualizando-se, seja uma pessoa, uma família, uma empresa,



uma instituição, uma sociedade, um grupo, um país, um time, seja o que for, sempre terá uma identidade "eu sou" e um corpo; sempre estará em relação com outros, entre dores e prazeres, simpatias e antipatias, cumprindo e gerando "karmas"; criando normas e procedimentos e procurando expressão própria e responsabilidade, idealizando a paz e o bem estar de todos, por todo o tempo. O que só acontece quando a aparente separação desaparece.

**DEUS - SEM NOME, SEM FORMA - INCOGNOSCÍVEL  
SER - VERBO INFINITIVO - AÇÃO SEM COMEÇO, SEM FIM  
LUZ - VAZIO ONDE O IMUTÁVEL É.**



**5º TRIÂNGULO**

**"O MUNDO ERA SEM FORMA E VAZIO"  
TOTALIDADE**

Fig 13 - A totalidade, ou 5º triângulo, ou ser, luz imutável, é a folha em branco; onde tudo aparece e desaparece, como bolhas de ar na água.  
Bolhas de consciência - mente e matéria ou espírito e corpo - no vazio pleno.  
Bolhas dentro de bolhas; construindo a complexidade da manifestação.

Impressão Caseira em Impressora HP C3180.  
Fonte Comic Sans MS.  
Esta edição finalizada em 10-8-2009.  
Uma linda manhã de sol.